

# Lagos dos Descobrimentos: contributos para a delimitação do núcleo primitivo da cidade e sua expansão extramuros até 1550

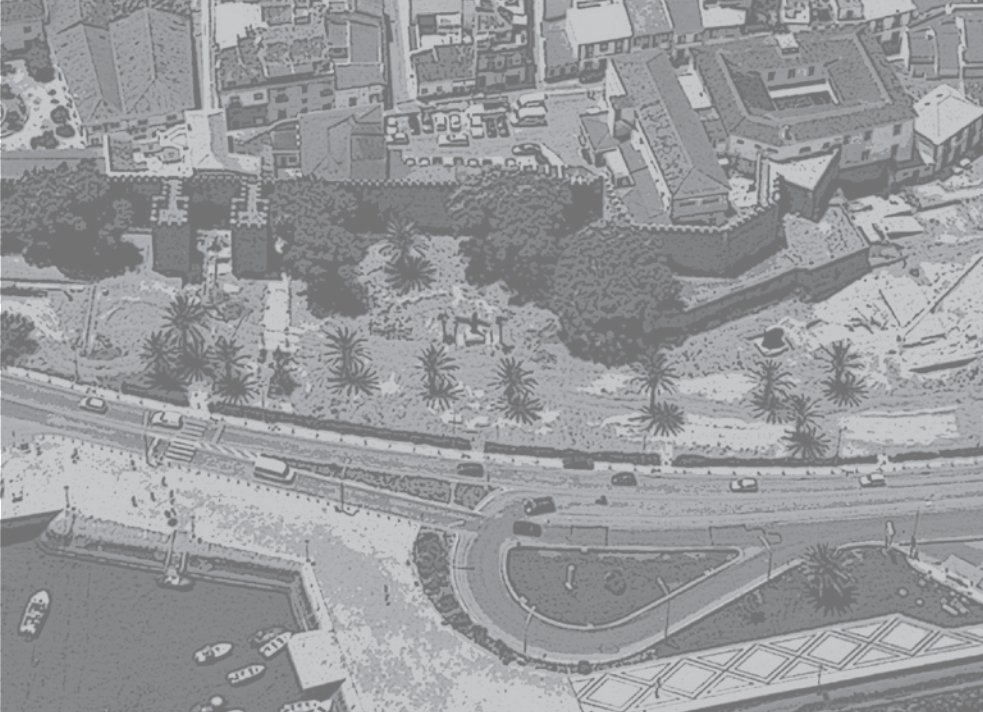


## ELENA MORÁN

Arqueóloga no Município de Lagos. Doutora em Pré-História e Arqueologia (Universidade de Sevilha, Espanha).  
Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ)

## DANIELA NUNES PEREIRA

Doutoranda em História, na Universidade de Évora.  
Bolsreira de doutoramento no âmbito da Cátedra UNESCO –  
*Intangible Heritage and Traditional Know-how: Linking Heritage.*  
Membro do Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades  
(CIDEHUS – Universidade de Évora)



**RESUMO** Na arqueologia urbana, a cartografia antiga é uma das fontes de conhecimento mais ricas, que desempenha um papel particularmente importante no auxílio da compreensão, interpretação e explicação do uso dos espaços ao longo dos séculos; porque a cidade, que se pretende investigar, tem uma estratigrafia histórica. Deve-se lembrar, porém, que uma leitura incorreta das fontes cartográficas pode induzir ao erro no momento de reconstruir ou interpretar o passado urbano. A conjugação da cartografia histórica (relevante para a interpretação dos achados arqueológicos) com a arqueologia permitiu uma reconstituição e interpretação dos processos evolutivos das transformações físicas de Lagos, ao longo do tempo; bem como apresentar uma cronologia mais rigorosa para essa evolução. Porém, para que a cartografia sirva aos estudos históricos e arqueológicos é preciso saber muito bem quais os objetivos que levaram a realizar um determinado desenho e quais as diferentes finalidades. Por isso, deve-se indagar sobre o contexto histórico em que os registos foram produzidos e tentar responder às seguintes questões: Por quem foi desenhado? Para quem? Porquê? Para quê? O que consta representado? O que falta representar e que a arqueologia pode ajudar a desvendar? O investimento municipal na requalificação do núcleo primitivo e dos equipamentos municipais nele localizados, alguns deles integrando tramos da muralha e torres, junto com o investimento privado na reabilitação de edifícios, tem resultado numa profíqua intervenção arqueológica. A conjugação dos dados arqueológicos com os testemunhos escritos e com a cartografia antiga permite conhecer melhor a fortificação e a orgânica urbana medieval e caracterizar a evolução urbanística.

**PALAVRAS-CHAVE** Arqueologia Urbana, Cartografia, Fortificação, Descobrimientos, Séculos XV-XVII.

**ABSTRACT** In urban archeology, ancient cartography is one of the richest sources of knowledge, which plays a particularly important role in helping to understand, interpret and explain the use of spaces throughout the centuries. This is because the city, which is intended to investigate, has a historical stratigraphy. It should be remembered, however, that an incorrect reading of cartographic sources can be misleading when reconstructing or interpreting the urban past. The combination of historical cartography (relevant for the interpretation of archaeological findings) with archaeology, allowed a reconstitution and interpretation of the evolutionary processes of the physical transformations of Lagos, through the ages; but also to present a more rigorous chronology for this evolution. However, for cartography to serve historical and archaeological studies it is necessary to know very well which are the objectives of a particular cartographic drawing and the different purposes. Therefore, we must ask about the historical context in which the drawings were produced and try to answer the following questions: By whom was it drawn? For whom? Because? For what? What is represented? What remains to be represented and what archeology can help to unravel? The municipal investment in the requalification of the primitive nucleus and the municipal equipment located in it, some of them integrating sections of the wall and towers, together with private investment in the rehabilitation of buildings, has resulted in a fruitful archaeological intervention. The combination of the archaeological data with the written sources and with the old cartography has allowed to know better the fortification and the medieval urban organic and to characterize the urban evolution.

**KEY WORDS** Urban Archaeology, Cartography, Fortification, Discoveries, 15<sup>th</sup>-17<sup>th</sup> Centuries.

## 1. A INTERPRETAÇÃO DA CARTOGRAFIA HISTÓRICA DE LAGOS

O desenho mais antigo de Lagos é o esboço de uma segunda fortificação, que está depositado no arquivo militar de Estocolmo [FIG. 1]. Este projeto de arquitetura militar resulta do supervisionamento dos sistemas defensivos do Algarve pelo então secretário do rei D. João III, Pedro de Alcáçova Carneiro, que, por volta de 1550, se encontrava no Algarve para identificar a situação das defesas desta região, para a capacitar com um moderno sistema defensivo (Pereira, 2017: 55). Este desenho elaborado, possivelmente, pelo arquiteto mor do reino, Miguel de Arruda, possibilita a datação de partes da estrutura urbana correspondentes ao período medieval e moderno.

Apesar deste valioso documento oferecer ao historiador inúmeras informações sobre Lagos, há uma primeira dificuldade a ter em conta que é a sua datação. O documento não contém legenda, nem data e assinatura. Na procura de uma data mais precisa foi necessário recorrer às fontes documentais, que permitem apurar duas datas extremas para datar o desenho: entre 1554 e 1556. Além da data, este esboço contém várias propostas para fortificar Lagos, que foram enviadas ao rei D. João III para que aprovasse as que fossem mais eficazes e menos dispendiosas: considera-se envolver toda a fortificação medieval com novos muros abaluartados, incluindo as igrejas de Porto Salvo e São Brás, que existiam a sul do núcleo medieval; ou reforçar com baluartes os muros sul da muralha medieval. Não obstante, a existência de diferentes traços e um papelote sobreposto ao esboço original podem indicar que a planta foi manuseada por outros engenheiros. De facto, em 1598, Filipe II ordenou "*que as obras dos ditos muros de Lagos se façam pela traça que está dada e pelas de mais obras que se fizerem serão pela traça que der um homem dos meus engenheiros que aí esta no dito reino*", denunciando possíveis alterações às propostas de fortificação planeadas no reinado de D. João III (Pereira, 2017: 71).

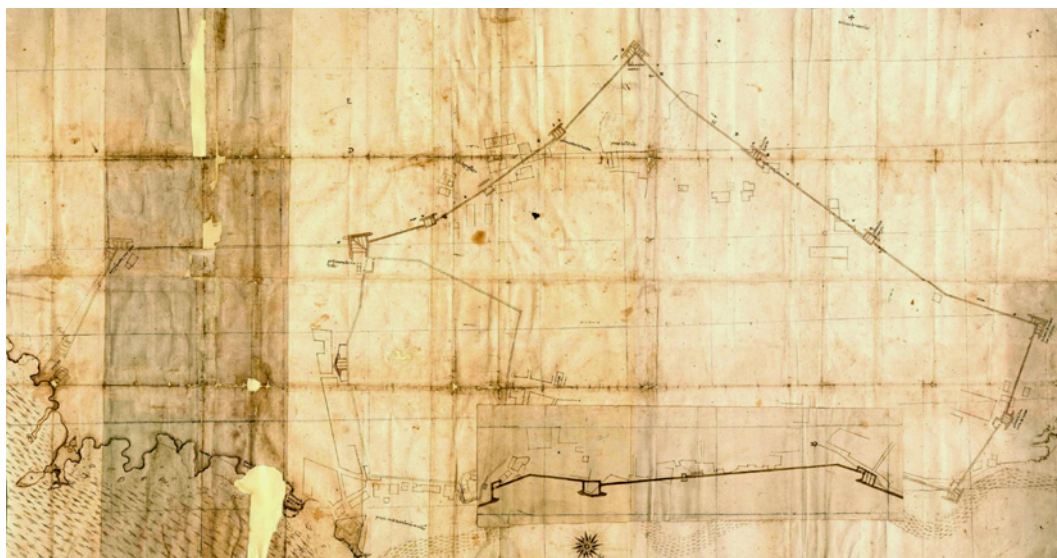


FIG. 1 [Lagos B] Desenho da fortificação de Lagos [1554-1556?], Swedish Military Archives, and the Collection Foreign City and Fortress Plans, Portugal, Lagos.

**FIG. 2** Lagos, cidade desenhada por Alexandre Massai [c. 1621]. Códice Vieira da Silva, fls. 40-41. Cota 1402-16. Arquivo do Museu de Lisboa. Cota 1402-16.



O segundo desenho de Lagos é da autoria do engenheiro napolitano Alexandre Massai, realizado por volta de 1621 [FIG. 2]. Trata-se de uma cópia colorida do desenho quincentista, que acabámos de descrever. A única diferença que Alexandre Massai acrescenta ao mapa são uma topografia (imaginária), com os caminhos que conduzem a algumas casas religiosas que, entretanto, surgiram no exterior da muralha. Este elemento pode ser útil aos trabalhos arqueológicos que se vierem a fazer.

Uma legenda colocada na parte inferior dá conta do estado em que se encontravam os baluartes, com o respetivo orçamento para empregar na construção ou reconstrução daqueles elementos. A finalidade é chamar a atenção para as carências defensivas que as muralhas de Lagos apresentavam naquele momento. Redesenha, por isso, a estrutura defensiva existente, propondo uma defesa mais eficaz: com fossos e pontes levadiças nas zonas dos baluartes e plataformas, acrescentando-lhe elementos novos, que protegessem melhor perante as novas técnicas de cerco (Muñoz Cosme, 2016: 21). Nessa legenda, Massai informa ainda que a muralha medieval tem partes demolidas, ignorando se caíram por falta de manutenção. Parece ter-se dado início à apropriação das antigas ruas que contornavam paralelamente a primitiva muralha, através da ampliação das casas. Sabemos, pela documentação, que Lagos, desde os finais do século XVI, passou por um período de atividade construtiva crescente – uma das razões que levou o rei D. Sebastião a conceder o título de cidade a Lagos, a 14 de janeiro de 1573.

Embora o desenho de Alexandre Massai não permita uma análise sobre o tecido urbano de Lagos, porque não acrescenta nada de novo, possibilita, contudo, detetar o problema dos baluartes e a sua relação com o cerco do inimigo. Este detalhe pode revelar dados importantes relativamente

aos princípios da fortificação, destacando-se as diferenças entre as técnicas defensivas da segunda metade do século XVI e o seu aperfeiçoamento na primeira metade do século XVII (Muñoz Cosme, 2016: 21); e também a relação entre os engenheiros mores e seus subalternos, posto que as propostas de Massai foram feitas à revelia do engenheiro mor do reino, Leonardo Turriano (propostas que nunca chegaram a ser concretizadas, por serem obras de elevado custo).

Além destas informações, este desenho permite saber que partes do projeto quinhentista foram executadas e quais foram abandonadas, nomeadamente a fortificação que englobava as igrejas de São Brás e Porto Salvo, optando-se apenas pelo reforço do troço sul do muro medieval (Pereira, 2017: 72).

Finalmente, a terceira cartografia de Lagos é uma reprodução da planta quinhentista, realizada pelo pintor genovês Leonardo de Ferrari [FIG. 3], conservada no arquivo militar de Estocolmo, desde o final do século XIX (Sánchez Rubio *et al.*, 2004). Por volta de 1655, na época de Filipe IV, D. Gaspar de Haro y Guzmán, Marquês de Heliche, encomendou ao pintor Leonardo de Ferrari a elaboração de um Atlas, com os lugares pertencentes à monarquia espanhola<sup>1</sup>. Todos os desenhos foram reduzidos à mesma escala (de dimensões reduzidas para poder ser transportado), com o mesmo padrão nas cores, cuja autoria é facilmente identificável. Annalisa Dameri (2016: 287) mostra que no desenho de Pavia podemos ler a metodologia utilizada para a preparação do referido Atlas: “traducido y reducido



FIG. 3 Planta de Lagos desenhada por Leonardo Ferrari [c. 1650], Swedish Military Archives, and the Collection Foreign City and Fortress Plans, Portugal, Lagos.

de grande a pequeno, por Don Leonardo de Ferrari"; "todo delineado por el Cap.no Gaspar Barreta Yngeniero Regio cameral y del Ex.to".

Dos 133 planos, três são no Reino do Algarve: Castro Marim, Tavira e Lagos. Para já só nos interessa falar de Lagos. Apesar da proximidade com o desenho original, a pintura de Leonardo de Ferrari para a planta de Lagos fez perder a intenção primordial do desenho. O traço que permitia distinguir os vários projetos de fortificação e do que estava previsto demolir ficou sem efeito, pelo uso da mesma espessura da linha sem qualquer diferenciação, confundindo a leitura do projeto, oferecendo grandes dúvidas na interpretação do percurso da fortificação inicialmente prevista. Sem dúvida que este desenho dever ser lido e interpretado em conjunto e no contexto histórico em que o Atlas do Marqués de Heliche foi produzido, como o único meio pelo qual se conseguiria mostrar ao monarca as posses fora do reino, aplicando uma cartela com legendas traduzidas para castelhano. Ferrari concentrou a sua atenção apenas na ilustração dos lugares que estavam sob o domínio da coroa espanhola, tendo por base desenhos ou esboços antigos que lhe foram fornecidos para os copiar e reduzir. Para Lagos, acrescenta a presença de embarcações, desproporcionais à cidade, que revelam, contudo, a importância do porto nesta parte do território.

Para concluir, das três cartografias só a quinhentista permite uma leitura mais verosímil do espaço urbano de Lagos, porque os desenhos de Alexandre Massai e Leonardo de Ferrari tiveram uma intenção diferente. Relembramos que Massai pretendia dar a conhecer o estado de conservação do sistema defensivo de Lagos propondo novas soluções; enquanto Leonardo de Ferrari pintar as posses da monarquia espanhola. Sobre Lagos sabemos que Ferrari teve por base um projeto de fortificação datado de 1554-1556, repetindo, quase cem anos depois, uma realidade urbana que já não existia!

## **2. TESTEMUNHOS CARTOGRÁFICOS / TESTEMUNHOS ARQUEOLÓGICOS DO NÚCLEO PRIMITIVO**

O documento topográfico com a representação mais antiga da vila de Lagos é o já acima referido esboço que se atribui a Miguel de Arruda [FIG. 1], com o projeto da moderna praça de guerra desenhada para Lagos entre 1554 e 1556 (Pereira, 2017: 57). O mapa (Sánchez, Testón e Sánchez, 2004), inclui uma representação do recinto muralhado à época henriquina, ocupando a colina de Santa Maria e delimitando o primitivo núcleo urbano, e igualmente regista alguns dos quarteirões que foram sendo construídos extramuros a partir dos finais do século XV.

A consulta deste desenho é de uso regular na gestão da arqueologia no Centro Histórico de Lagos, cuja prática consolidou uma estratégia de intervenção preventiva, em prol do resgate e preservação da memória coletiva, que permite conciliar os projetos de iniciativa municipal e privada com a salvaguarda dos vestígios arqueológicos, seja através da preservação *in situ* das estruturas, seja através da sua valorização pelo registo científico, procurando a máxima difusão do conhecimento produzido com a comunidade como prática social da arqueologia (Morán, 2017: 197).

### **3. SITUAÇÃO DO NÚCLEO PRIMITIVO SOBRE A VERTENTE ORIENTAL DA COLINA DE SANTA MARIA RELATIVAMENTE À BAÍA DE LAGOS: AS CONDIÇÕES NATURAIS DE DEFESA**

O núcleo urbano medieval foi fundado sobre a colina de Santa Maria, na margem direita da Ribeira de Bensafrim, sobranceira à ampla baía de Lagos. Esta colina viria a albergar, a partir de 1253, a aldeia de Lagos conforme sugere a doação do rei castelhano Alfonso X ao Bispo de Silves, Frei Roberto (Pereira, 2012: 19; 2012/2013: 138; 2017:25). Apesar da carta de doação ser muito imprecisa na descrição geográfica do território desta aldeia, pode inferir-se a existência de um porto e a importância dos recursos marítimos no sustento da sua população (Pereira, 2017: 26).

Os estudos geoarqueológicos (Arteaga e Barragán, 2010: 99) permitiram caracterizar a pequena enseada onde desaguava a Ribeira dos Touros, cuja localização, a norte do primitivo núcleo urbano, terá favorecido o resguardo das embarcações das marés e das fortes tempestades de sudoeste.

Não temos evidências arqueológicas da localização nem das características do cais associado ao núcleo urbano medieval, mas pode inferir-se, a partir da localização continua do cais entre os séculos XVI e XX, que a área portuária medieval se terá situado no mesmo local (Morán, 2017:199).

Apesar de que a crescente pressão urbanística de Lagos, focada nos últimos anos no seu centro histórico, favoreceu a investigação arqueológica através de procedimentos preventivos, a relação do edificado medieval com a atual urbe não é imediata e carece, por vezes, de uma mediação através de visitas comentadas. Esta realidade foi recentemente contrariada, numa tentativa de facilitar aos visitantes a descoberta do núcleo urbano medieval, através da construção de maquetas virtuais (Carlos Loureiro *in* Manteigas, 2015: 12 e 13), baseadas nos levantamentos georreferenciados das arquiteturas e dos vestígios arqueológicos preservados do recinto muralhado e dos fossos que o complementavam, dos edifícios públicos e do casario contemporâneo (Morán, 2017: 199).

### **4. A ORGANIZAÇÃO URBANÍSTICA E A REDE VIÁRIA DA VILA ADENTRO**

A construção do núcleo urbano medieval foi adaptada à orografia da colina de Santa Maria, contido num perímetro muralhado de planta quadrangular. A delimitação premeditada do contorno da muralha ajuda a explicar a ortogonalidade do traçado viário da Vila Adentro [FIG. 4] (Pereira, 2017: 30). A investigação arqueológica confirmou que as muralhas foram complementadas por fossos (alcárcovas), para poente e para norte, equidistantes cerca de 4,5 m das muralhas. Ambos foram entalhados na rocha com um perfil em "U". O fosso do lado poente, do qual não tínhamos referência documental [FIG. 5] (Gonçalves, Morán e Silva, 2017: 1585), aproveitou o pronunciado declive do terreno, recolhendo as águas pluviais. Apesar de não termos comprovação arqueológica, é presumível que desague na alcárcova norte, também entalhada em "U" na rocha, por onde foi desviada a Ribeira dos Touros até à foz (Matos, Gonçalves e Morán, 2015). O pano nascente da muralha volta-se para a foz da Ribeira de Bensafrim, onde se localizava a área portuária. No que se refere ao pano sul, levantado sobre uma



**FIG. 4** Lagos, a Vila Adentro na atualidade. Foto aérea, 2008 [Foto: CMLagos ½F. Castelo].

encosta escarpada, a investigação arqueológica não identificou até à data a alcárcova que referem as fontes documentais (Pereira, 2017: 30), no entanto foi escavada uma calçada junto do postigo da Ribeira que poderá ser contemporânea da abertura deste e cuja construção poderá guardar relação com uma melhor drenagem das águas pluviais.

No interior do núcleo urbano, o traçado viário ortogonal é articulado por quatro ruas paralelas, em sentido este-oeste, atravessadas por três vias em sentido norte-sul (Díaz-Guardamino e Morán, 2008: 55). A disposição da muralha e o traçado das ruas no seu interior definiu a disposição orgânica



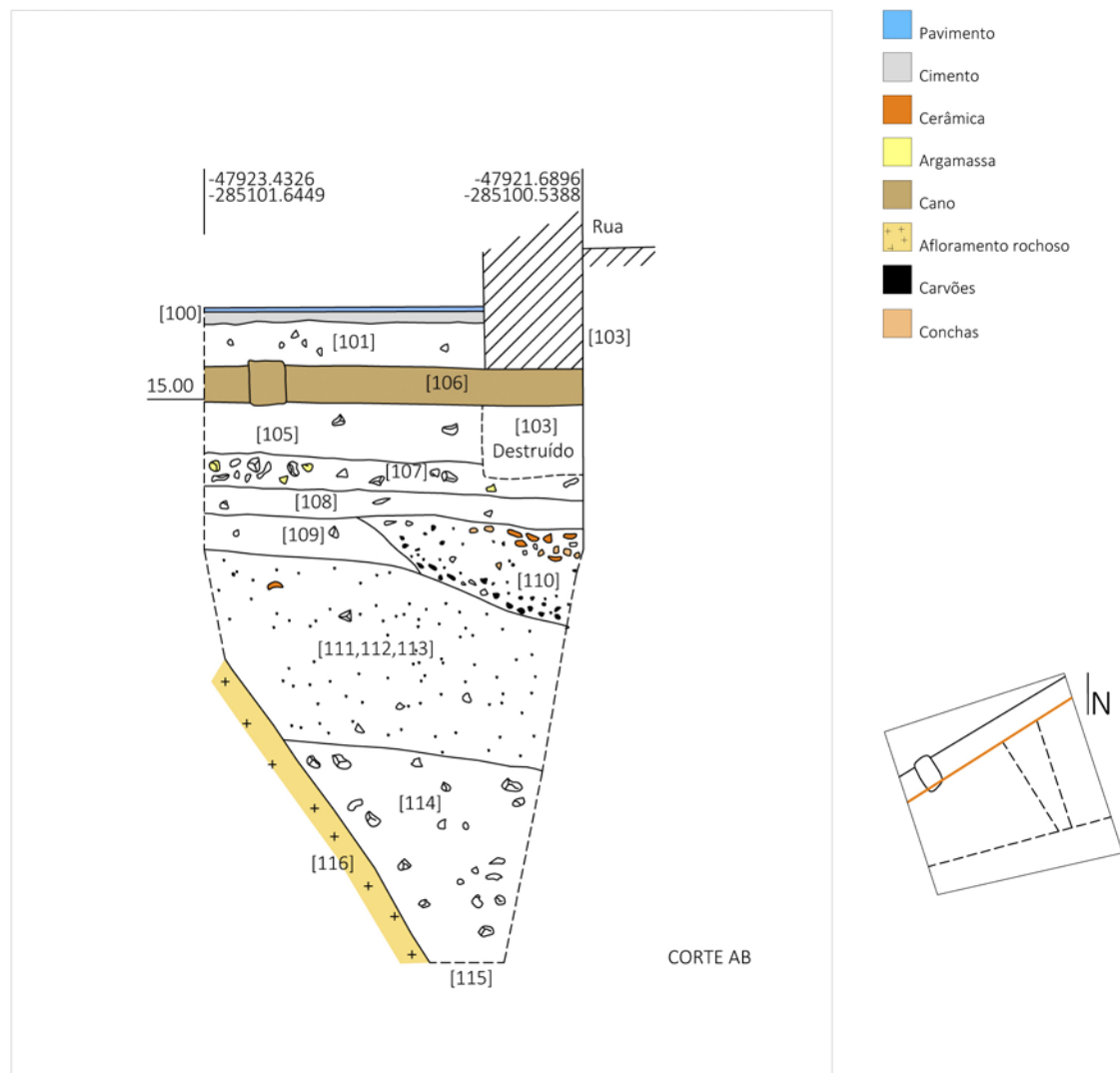


FIG. 5 Corte estratigráfico parcial do fosso poente do Tramo escavado na Rua 5 de Outubro [Desenho: Arkhaios, Lda.].

dos quarteirões da Vila Adentro e dentro destes a ordenação das casas, dos quintais, das fachadas e das portas de serventia, o que evidencia a existência de um plano urbanístico desde a sua fundação (Pereira, 2012: 28).

O acesso ao núcleo urbano medieval fazia-se a norte e a nascente através de portas flanqueadas por torres albarrãs, concebidas à maneira almóada (Matos, Gonçalves e Morán 2015: 6). A investigação recente permitiu identificar a porta norte com a Porta da Vila das fontes documentais (Pereira, 2017: 29), onde o acesso à Vila Adentro obrigava a ultrapassar a alcárcova do Touril, certamente por uma ponte sobre esse curso artificial da Ribeira dos Touros (Matos, Gonçalves e Morán, 2015: 6).

## **5. O DISPOSITIVO DEFENSIVO INICIAL: O CASTELO E A CERCA VILÃ (CERCA VELHA)**

Se procurarmos interpretar a lógica da construção, os primeiros tramos da muralha a serem edificados terão sido os panos de nascente e norte, debruçados sobre o porto natural de Lagos e a foz da Ribeira dos Touros respetivamente, precisamente para proteger as áreas vulneráveis do núcleo urbano das piratarías mouriscas e as armações das pescas do atum. E, assim, a esse primeiro momento corresponderão igualmente a Porta da Ribeira e a Porta da Vila, protegidas por torres albarrãs.

O pano poente, no lado interior, e o pano sul, no tramo mais escarpado da colina, localizados nas áreas mais seguras da mesma terão sido erigidos num momento mais tardio como se verificou na parte mais elevada, onde a construção de uma porta ladeada por torres albarrãs, autorizada por D. Manuel I, em 4 de novembro de 1503, cortou parcialmente o cemitério medieval. Não se descartando que a sua construção tenha sido executada ou ampliada bem no final do reinado de D. João II ou no início do reinado de D. Manuel I segundo se depreende das referências ao "muro novo" e à "torre nova" [ADF, Autos do Inventário do Convento de São Vicente. In Iria, 1956, pp. 67-68 e ANTT, *Leitura Nova, Iv. 1, Aforamento de huu chao em a uilla de lagos nalcarcoua que vem da porta da Igreja a luís gonçalves barbudo*, [28 de fevereiro de 1498], fls. 230-230v. Cota 989 *apud* Pereira, 2017: 29]. A configuração desta porta, semelhante à Porta da Ribeira da Cerca Nova, constituindo um espaço aberto que permitia circular desde o interior do núcleo urbano, junto do cemitério paroquial de Santa Maria da Graça, para o exterior, quer para sul, quer para poente, assim como a construção de uma estrutura para junção das duas torres, sugere uma alteração desta porta com integração no projeto da Cerca Nova.

As fontes cartográficas não representam as alcárcovas referenciadas nos contratos de aforamento de finais do século XV (Pereira, 2012/2013: 145-146), que por outra parte somente fazem referência à existência de duas alcárcovas paralelas aos panos norte e sul da muralha medieval para drenagem das águas pluviais (Pereira, 2012: 44-46 e 59), sendo a setentrional coincidente com a alcárcova do Touril para onde eram desviadas às águas da Ribeira dos Touros. Recentemente, a investigação arqueológica identificou ainda vestígios de uma outra alcárcova [FIG. 5], cujo fosso foi igualmente entalhado na rocha, discorrendo paralelo ao pano poente da Cerca Velha da qual não são visíveis vestígios (Gonçalves, Morán, Silva, 2017: 1585) mas cuja existência é identificável a partir da análise da forma urbana.

Os dados arqueológicos permitem alguns pressupostos referentes à amortização destes espaços em relação com o crescimento urbano da cidade, uma vez que os depósitos de colmatação das alcárcovas apontam para a sua desativação na primeira metade do século XVI (Gonçalves, Morán, Silva, 2017: 1586), confirmando os dados históricos relativos à construção da Cerca Nova nos inícios da segunda metade do século XVI (Pereira, 2017: 57) e a expansão urbana subsequente.

Para além das três portas, já referidas, com acesso protegido por torres albarrãs, o recinto muralhado medieval possuía outras entradas, correspondentes a postigos, levantadas no projeto de

meados do século XVI e cuja localização pode ser inferida na planta urbana atual a partir da conjugação da mesma com a planta original do século XVI. É o caso do postigo da Gafaria, coincidente com o cruzamento da Rua Dr. Mendonça com a Rua 5 de Outubro, e do postigo da Misericórdia, no enfiamento da Rua do Castelo dos Governadores com a Praça do Infante, cuja representação na planta atribuída a Miguel de Arruda confirma o seu uso ainda nessa altura. No tramo sul da muralha, em posição oposta ao postigo da Misericórdia, foi recentemente identificado um outro postigo junto ao Torreão da Ribeira que não aparece representado no projeto de meados do século XVI, evidenciando que o mesmo nessa data já teria sido entaipado.

A abertura dos postigos, autorizada pelas Cortes de 1490, poderá relacionar-se com a retificação de espaços destinados a atividades mercantis após as queixas apresentadas ao rei D. João II contra o almoxarife da vila que se teria apropriado parcialmente dos terrenos da ribeira para os aforar para a construção de casas (Pereira, 2017: 37)

## 6. A GAFARIA

O crescimento demográfico da vila de Lagos pôs em evidência algumas necessidades urbanas que foram expostas nas Cortes de 1490, solicitando a introdução de um imposto extraordinário para cobrir as despesas com as obras necessárias ao bom funcionamento da vila (Pereira, 2017: 36) e que incluíam, entre outras, a construção de uma gafaria (Ferreira *et al.*, 2008: 441–446) que se viria a localizar para poente do núcleo urbano fortificado, num espaço onde também se localizou uma área industrial de olaria e a lixeira urbana, entre cujos depósitos a investigação arqueológica identificou restos antropológicos correspondentes com os escravos de procedência africana reportados nas fontes documentais (Neves, Almeida e Ferreira, 2010).

O local de construção da gafaria, no mesmo espaço onde funcionava uma área industrial de olaria e se localizava a lixeira urbana, afastado do núcleo urbano, foi escolhido em função dos ventos dominantes em Lagos, para garantir o bem-estar dos moradores, preservando-os dos maus cheiros (Morán, 2017: 199–200).

A construção do pano poente da Cerca Nova significou a desativação da gafaria, concebida para reclusão e segregação profilática dos enfermos com doenças infecciosas e com malformações, em oposição aos hospitais, equipamentos de caráter terapêutico que se disseminam a partir de inícios do século XVI (Boléo-Tomé, 2014). A gafaria terá servido de pedreira para a construção da muralha, abastecendo a mesma.

## 7. O ARRABALDE DA RIBEIRA

Na proximidade da Porta do Mar ou da Ribeira, o Infante D. Henrique aforou vários lotes para a construção de casas destinadas aos mareantes da vila, conforme consta num documento de

aforamento datado em 12 de outubro de 1454 (Iria, 1957: 25 *apud* Pereira, 2017: 34). As habitações, adossadas às torres albarrãs, foram construídas em paralelo à muralha, deixando uma rua entre as casas e a muralha (Pereira, 2017: 35). Este bairro manteve-se ocupado por mareantes até meados do século XX, quando paradoxalmente, numa tentativa de recuperar a essência da vila henriquina, acabaram por destruir o que de mais genuíno dela ainda restava.

A investigação arqueológica demonstrou que para além deste arrabalde, existiram outros aglomerados fora do núcleo urbano medieval: para poente, entre as atuais ruas de Gil Vicente e Mendonça Pessanha, e para norte, na envolvente da Ermida de Nossa Senhora da Conceição, convertida em igreja paroquial de São Sebastião a partir do século XVI.

## **8. A EXPANSÃO URBANA EXTRAMUROS ATÉ MEADOS DO SÉCULO XVI**

A Ribeira dos Touros e a alcárcova do Touril limitaram a expansão urbana para norte até final do século XV, quando D. João II doou ao concelho o chão para além da Ribeira dos Touros (Pereira, 2012:39). Terá sido nessa conjuntura que a alcárcova do Touril foi encanada e convertida em cloaca, numa longa galeria abobadada, pelo menos parcialmente, construída em alvenaria de pedra e entalhada na rocha, referenciada na tradição oral da comunidade lacobrigense e identificada pela arqueologia desde a década de 1980.

Nos finais do século XV iniciou-se a construção de uns Paços do Concelho, edificadas à Porta da Vila, para os quais até então havia faltado o financiamento. Para custear todas as obras que se consideraram imprescindíveis para a vila, o concelho lançou um imposto extraordinário aos habitantes (Pereira, 2012: 30). Por um alvará da primeira metade do século XVI (A.N.T.T., Sobre o que a Vila de Lagos pede a Nosa Alteza, Fragmentos, cx. 6, mç. 2, n.º 11 *apud* Pereira, 2012: 30), sabe-se que o edifício dos Paços do Concelho tinha uma cadeia adjacente, no piso inferior, podendo o mesmo corresponder ao edifício da antiga cadeia (Matos, Gonçalves e Morán, 2015).

A disposição da muralha condicionou a orientação dos quarteirões e, em conjugação com as ruas, definiu o alinhamento das fachadas das casas e a localização da porta de serventia (Pereira, 2012:47). Esta orgânica consta nas cartas de aforamento. Assim, nas referidas aos chãos aforados na alcárcova do Touril, reporta-se como as casas edificadas deviam alinhar-se com o pano norte da muralha, orientando a fachada para a rua que se localizava entre o muro e os chãos de aforar. Nestes contratos de aforamento refere-se que o chão deve confrontar com a rua pública, de modo a fixar a rua, impedindo a ocupação do espaço público através de uma eventual ampliação da casa, encostando-a à muralha. O foreiro estava obrigado a colocar uma pedra lavrada com as armas do rei (Pereira, 2012: 46). O uso da heráldica, e da simbólica em geral, foi o mecanismo que permitiu a D. Manuel I perpetuar o seu poder, enquanto rei (Pereira, 1995). Nas cartas de aforamento indica-se também a forma de construção, impondo-se a construção das casas com pedra e cal em detrimento da construção em taipa ou adobe (Pereira, 2012: 53).

Fora do núcleo fortificado e para além da Ribeira dos Touros, foram construídos, já nos finais do século XV, a Igreja do Santo Espírito e a Santa Casa da Misericórdia e o início de uma rua direita (Pereira, 2013: 149).

A disposição dos edifícios públicos no projeto da Cerca Nova configurou uma praça ribeirinha, dotada de dois cais nos extremos norte e sul da mesma. A poente da praça, em posição centralizada, identifica-se o pelourinho o que permite supor a transferência dos Paços do Concelho para esta praça. Frente à Misericórdia, identifica-se um prédio, de rés-do-chão, com *loggia* porticada, cuja função se desconhece, mas onde posteriormente terá funcionado a Vedoria Geral de Lagos (Pereira, 2017: 85).

#### NOTA

<sup>1</sup> "Todas de mano hechas hacer de orden del excelentísimo señor don Gaspar de Haro y Guzmán, conde de Morente, marqués de Heliche, gentilhomme de la Cámara de su Majestad, su montero mayor, y alcalde de los reales bosques del Pardo, Valsahyn y Zarzuela. En Madrid. Año de 1655". (Dameri, 2013: 27).

#### FONTES E BIBLIOGRAFIA

Swedish Military Archives, and the Collection Foreign City and Fortress Plans, Portugal, Lagos  
Cota 0406:18:006:001A Utan title [Lagos].  
Cota 0406:18:006:001B Utan title [Lagos].  
Planta de Lagos, Leonardo Ferrari [c. 1650].  
Arquivo do Museu da Cidade de Lisboa

Museu da Cidade de Lisboa

Lagos, Cidade desenhada por Alexandre Massai, [c. 1621].  
Códice Vieira da Silva, fls. 40–41. Cota 1402–16.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

*Descrição e Plantas da Costa, dos Castelos e Fortalezas, desde o Reino do Algarve até Cascais, da Ilha Terceira, da Praça de Mazagão, da Ilha de Santa Helena, da Fortaleza da Ponta do Palmar na entrada do Rio de Goa, da Cidade de Argel e de Larache*, [1617], Casa de Cadaval, n.º 29.

#### BIBLIOGRAFIA

ARTEGA, O.; BARRAGÁN, D., 2010. "Investigaciones geoarqueológicas en la Rúa da Barroca (Lagos)", *Xelb, Silves*, 10, 2010, pp. 87–102.  
BOLÉO-TOMÉ, J. P. 2014. "Contribuição portuguesa para o progresso da Medicina". *Revista Ordem dos Médicos*, 153: 55–57.  
DAMERI, A., 2013. *Le città di carta Disegni dal Krigsarkivet di Stoccolma*, Torino: Politecnico di Torino.  
DAMERI, A., 2016. "La difesa di un confine. Le città tra Piemonte e Lombardia nella prima metà del XVII secolo", In CÁMARA MUÑOZ, A. (ed.). *El dibujante ingeniero al servicio de la monarquía hispánica Siglos XVI–XVIII*. Espanha: Fundación Juanelo Turriano, pp. 271–293.

DÍAZ-GUARDAMINO, M.; MORÁN, E. (ed.), 2008. *Entre Muralhas e Templos: Trabalhos arqueológicos no Largo de Santa Maria da Graça, Lagos (2004–2005)*. Lagos: Câmara Municipal [«Laccobriga», 1].

GONÇALVES, A.; MORÁN, E.; SILVA, R. C., 2017. "Breve apontamento sobre a Cerca ("Velha") Medieval de Lagos". *Actas do II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa, pp. 1563–1575.

FERREIRA et al. [FERREIRA, M.; DIOGO, M.; COSTA, C.; FARIA, F.; FERNANDES, T.], 2008. "Um edifício, uma planta, um enterramento, as fontes... uma gafaria em Lagos", *Xelb, Silves*, 10, 2010, pp. 431–449.

IRIA, A. 1957. "As pescarias no Algarve". *Conservas de Peixe*, 130.

MATOS, C.; GONÇALVES, A.; MORÁN, E., 2015. *Antigo edifício da PSP em Lagos. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos*. (ms.).

MANTEIGAS, R., 2015. *Lagos na Rota da Escravidão*. Lagos: Câmara Municipal de Lagos.

MORÁN, E., 2017. "Crónica literária e registo arqueológico: usos sociais da memória dos escravos negros em Lagos". In *Sines, história e património, o porto e o mar, actas do colóquio*. Sines: Arquivo Municipal de Sines, pp. 195–205.

MUÑOZ COSME, A., 2016. "Instrumentos, métodos de elaboración y sistemas de representación del proyecto de fortificación entre los siglos XVI y XVIII". In CÁMARA MUÑOZ, A. (ed.). *El dibujante ingeniero al servicio de la monarquía hispánica Siglos XVI–XVIII*. Espanha: Fundación Juanelo Turriano.

NEVES, M. J.; ALMEIDA, M.; FERREIRA, T., 2010. "Separados na vida e na morte: retrato do tratamento mortuário dado aos escravos africanos na cidade moderna de Lagos". *Xelb, Silves*, 10, 2010, pp. 547–560.

PEREIRA, D., 2012/2013. "A evolução urbana de Lagos". *Promontoria*, 10, Faro.

PEREIRA, D. N., 2017. *A Evolução Urbanística de Lagos (séculos XV–XVIII)*. Faro: Direcção Regional de Cultura do Algarve.

PEREIRA, P., 1995. "A simbólica manuelina. Razão, celebração, segredo". In PEREIRA, P. (ed.). *História da Arte Portuguesa*, vol. 2. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 115–155.

SÁNCHEZ RUBIO, R.; TESTÓN NÚÑEZ, I.; SÁNCHEZ RUBIO, C. (eds.). 2004. *Imágenes de un Imperio Perdido: el Atlas del Marqués de Heliche – plantas de diferentes plazas de España, Italia, Flandes y las Indias*. Mérida: Junta de Extremadura.

